



Telejornalismo na TV Mariano Procópio – primeiros passos do noticiário na TV do interior do país¹

Livia Fernandes de Oliveira²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O telejornalismo é na atualidade o principal meio de apreensão de entendimento do cotidiano para maioria dos brasileiros. Compreender como se deu os primeiros passos deste gênero jornalístico no interior do Brasil é o objetivo deste trabalho. O estudo de Marialva Barbosa é norteador para a construção de um estudo cultural da imprensa que leve em consideração a história como um processo complexo. A análise dos registros encontrados sobre o início do telejornalismo no interior do país permite verificar como este se aproximou da gênese do telejornalismo nacional, apreendida por meio da contribuição de Mattos e Coutinho. De modo que, este artigo se baseia na experiência telejornalística da TV Mariano Procópio de Juiz de Fora - MG, investigada a partir de uma pesquisa documental dos jornais da cidade na época e apuração de história oral.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; TV Mariano Procópio, História.

A proposta deste trabalho é apreender os primeiros passos do telejornalismo no interior do Brasil. A partir de uma pesquisa documental em jornais do início da década de sessenta e apuração da história oral é possível verificar o início desse gênero jornalístico na TV Mariano Procópio de Juiz de Fora – MG. A análise dos registros encontrados permite verificar se e em que medida este se diferenciou dos primeiros telejornais produzidos no país. Pois, a percepção histórica do telejornalismo é relevante para a compreensão de como este alcançou o lugar de destaque na apreensão de informação para a maioria da população.

A televisão é na atualidade o segundo eletrodoméstico mais presente nos lares da maioria dos brasileiros. A telinha se encontra em 94,8% dos domicílios, só perde para o fogão (98,1%) e ganha até da geladeira (90,8%), mesmo se tratando de um país tropical, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2007³. Este estudo é mais um dado que retrata como a televisão faz parte do cotidiano da maioria das pessoas no país.

As mensagens da telinha exercem um papel importante na concepção de conhecimento e no processo de informação da maioria da população brasileira.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação da UFJF, linha Comunicação e Identidades. Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania (CNPq). E-mail: liviafoli@yahoo.com.br.

³ Informações disponíveis em <http://www.ibge.gov.br> (Acessado em 24 de julho de 2009).



Iluska Coutinho, em sua tese de doutorado (2003), referiu-se a Eugênio Bucci para abordar a importância da televisão no cotidiano dos brasileiros: “o espaço público no Brasil é definido pela televisão”. Neste sentido, a percepção e a apreensão do mundo moderno para uma parte da população se dão por meio das transmissões televisivas.

De acordo com Douglas Kellner (2001), a cultura da mídia, sobretudo as mensagens televisivas, coloca à disposição do público imagens e figuras com as quais os indivíduos possam identificar-se. Assim, a televisão exerceria efeitos socializantes e culturais por meio de seus modelos, papéis e “posições de sujeito” que valorizam certas formas de comportamento no lugar de outras.

Dentre os diversos programas que a televisão produz se destaca na questão da informação os telejornais. De acordo com Iluska Coutinho, o telejornalismo se constitui como forma prioritária de apreensão do entendimento cotidiano, construído a partir de uma tentativa de “imitação das ações” ou pelo menos daquelas consideradas relevantes como informação coletiva e/ou de interesse público (COUTINHO, 2006).

Este espaço significativo que o telejornalismo ocupa nacionalmente também se faz presente na questão local, pois este acarreta a mesma responsabilidade no cotidiano das pessoas. Por isso, se torna essencial verificar como se deu o início do telejornalismo local para compreender o lugar de destaque que este exerce na sociedade. De modo que, o presente estudo busca investigar como se deu o início do telejornalismo em Juiz de Fora (MG)⁴ e em que medida este se aproxima do telejornalismo nacional.

O estudo da história da mídia ajuda a compreender como os meios de comunicação de massa, neste caso, especificamente, como os telejornais, conquistaram um lugar relevante de significado cultural e social na sociedade contemporânea.

Os estudos de história da mídia têm ganhado relevância nos últimos anos no meio acadêmico. No entanto, para a consolidação de trabalhos que possam contribuir para a compreensão do papel que a mídia desempenha na sociedade se faz necessário a constituição de estudos contextualizados. Marialva Barbosa (2007) propõe a construção de uma história cultural da imprensa. Para ela a história da imprensa não pode ser estudada somente pelo viés do desenvolvimento tecnológico, ou como resultante de um

⁴ Juiz de Fora pode ser considerada a primeira cidade de interior da América Latina a ter uma emissora geradora de sinal televisivo. De acordo com Moraes (1994), a TV Mariano Procópio em Juiz de Fora e a TV Tupi Difusora em São José do Rio Preto foram estabelecidas em 1959, no entanto não há registros confirmados da primeira emissão da TV no interior paulista. Há uma controvérsia sobre o pioneirismo por causa do Canal 2 de Bauru, que teria sido inaugurada no final dos anos 50, mas de acordo com a pesquisadora Valquiria Kneipp esta é uma afirmação ainda não confirmada.



processo político ou econômico. O estudo da imprensa deve investigar não só dos meios externos aos métodos de produção, mas também aspectos internos da cultura jornalística. O olhar sobre o jornalismo deve visualizá-lo como integrante de um processo comunicacional, cuja importância está no conteúdo, na produção e na recepção das mensagens veiculadas; e na dimensão histórica na qual os meios de comunicação se desenvolveram e se localizam na sociedade.

De acordo com Barbosa, se pode falar em história cultural da imprensa, porque a história se constitui a partir da interpretação dos indivíduos dos movimentos marcantes da imprensa. A história é concebida a partir das perguntas subjetivas e do olhar, igualmente subjetivo que o pesquisador pode lançar sobre o passado. Para a autora, a compreensão da história não está no passado, mas na interpretação dos movimentos, dos vestígios do passado. “Construir a história é perceber a história como um processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos” (BARBOSA, 2007, p.15).

Barbosa afirma que o passado é algo não recuperável, tal como se deu. Isso porque cada época está imersa num grau de consciência histórica que foi sendo construído pelos sujeitos que “vivem sua própria história”. Os pesquisadores podem erroneamente acreditar que os fatos do passado ocorreram daquela forma e que fazer história é trazer o passado de volta para o presente. Mas para a autora, o passado está irremediavelmente perdido nele mesmo. O que se faz nos processos de “resgate” nada mais é que produzir interpretações, na atualidade, sobre os vestígios deste passado.

As interpretações se dão a partir dos sinais (vestígios) que chegam até o presente. Neste sentido, é preciso tentar compreender a mensagem produzida no passado dentro de suas próprias teias de significação. São estes vestígios, que aparecem como documentos e como atos memoráveis que permitem reconstruir a história das mídias, também a partir da imprensa, e conseqüentemente é possível identificar fatores culturais e sociais que ainda estão presentes na sociedade.

Para contextualizar uma mídia local se faz necessário relacioná-la com a nacional. Desta forma, antes de trabalhar a questão do telejornalismo em Juiz de Fora, torna-se preciso abordar o início do telejornalismo no Brasil.

Os primeiros passos do telejornalismo no Brasil

As primeiras imagens de televisão no Brasil datam de 1939, no pavilhão na Feira de Amostras do Rio de Janeiro, quando uma fábrica de aparelhos de som, a Telefunken,



instalou na feira um pequeno estúdio que gerava imagens para dez aparelhos receptores (MATTOS, 2000, p.170). Apesar desta experiência inicial, o primeiro Canal de Televisão no país foi inaugurado em 18 de setembro de 1950, na cidade de São Paulo, quando teve início a programação da TV Tupi Difusora de São Paulo. Em 20 de janeiro do mesmo ano tinha sido inaugurada a sede da TV Tupi do Rio de Janeiro, mas por problemas técnicos as transmissões só começaram no ano seguinte. De modo que, a Tupi paulista foi a primeira emissora de televisão do Brasil e da América do Sul.

A inauguração da televisão no Brasil é resultado do esforço do empresário e jornalista Assis Chateaubriand, que em 1949 importou os equipamentos para a instalação da televisão no país. A primeira experiência da TV brasileira foi cheia de improvisos, o técnico norte-americano Walther Obermüller, responsável pelas instalações dos equipamentos, descobriu que não havia nenhum televisor em todo território nacional para captar as primeiras imagens. De modo que Chateaubriand, devido ao pouco tempo para importação, contrabandeou 200 aparelhos e instalou televisores entre bares e lojas da cidade, além do saguão dos Diários dos Associados.

Este início da televisão foi marcado pelo imprevisto também dos profissionais, pois na época o meio de comunicação mais difundido no Brasil era o rádio. As primeiras experiências foram a partir de adaptações de programas radiofônicos para a telinha. Sérgio Mattos (2000, p.80) denomina esta primeira etapa da televisão no país como “fase elitista”, pois eram os membros da elite econômica que podiam adquirir o aparelho, uma vez que o custo deste era três vezes superior ao da radiola mais sofisticada da época.

De acordo com Mattos, o advento da televisão se deu na época da industrialização do país. A política de Getúlio Vargas era a de fortalecimento das indústrias brasileiras frente às estrangeiras. Assim, quando a TV iniciou sua história no Brasil, estava começando o processo de evasão rural, da busca pelos empregos que existiam nas indústrias que se instalaram nas áreas urbanas de São Paulo e Rio de Janeiro. Desta forma, não é sem razão que o advento da televisão tenha se iniciado nestas cidades que concentravam os investimentos em virtude do crescimento industrial.

Para Mattos, desde o início a programação da televisão é voltada para o público urbano, é orientada para gerar lucro e seu controle acionário está concentrado na mão de poucos grupos familiares. Estes grupos em quase sua maioria estavam vinculados (como ainda estão) a conglomerados de comunicação. Chateaubriand, por exemplo, possuía



uma rede de jornais, os Diários Associados, e estações de rádios quando inaugurou a TV no Brasil.

O telejornalismo, como gênero, esteve presente já neste início da televisão no país. No segundo dia de programação, em 19 de setembro de 1950, o *Imagens do Dia*, primeiro telejornal do Brasil, ia ao ar. O programa diário era apresentado pelo jornalista Maurício Loureiro Gama, mas devido a limitações técnicas as imagens exibidas raramente eram registros audiovisuais do dia da veiculação. O telejornal fazia uso de fotografias para ilustrar os fatos mais marcantes do dia. (COUTINHO, 2003, p.64).

Outro telejornal importante no país foi o *Repórter Esso*. O programa, que entrou no ar em junho de 1953, era apresentado pelos jornalistas Heron Domingues e Gontijo Teodoro. Produzido por uma agência de publicidade, a McCann Erickson, o telejornal chegava pronto à TV Tupi para ser transmitido. O noticiário era uma adaptação do programa radiofônico de nome idêntico e enfatizava seu papel, no slogan, como a “testemunha ocular da história”. Este slogan demonstra que desde o início o telejornal no Brasil tinha a preocupação de ser um espaço no qual o telespectador pudesse acompanhar o seu cotidiano, assistir aos acontecimentos de destaque que integram o receptor à história presente.

Depois desta fase inicial, a televisão no Brasil começou a se consolidar e a conquistar novos públicos. Em uma década o número de televisores no país teve um grande salto, passou de 34.000 aparelhos em 1954, para 1.663.000 em 1964 (MATTOS, 2000, p. 83). Junto com a ampliação do número de receptores de televisão surgiu o interesse político pelo veículo de comunicação de massa. Após o Golpe de 1964, o governo brasileiro sob domínio militar passou a ver a televisão como um importante veículo para disseminação de ideais políticos.

A crença de que a televisão influenciaria os brasileiros fez com que o governo desenvolvesse políticas para a expansão do veículo em todo território nacional. Durante o período militar foram instituídos órgãos importantes para a gestão de comunicação do país, como o Ministério das Comunicações e o Departamento Nacional de Telecomunicações (Embratel). Neste contexto, a televisão foi usada para promover o entretenimento, encorajar o consumo, difundir as realizações econômicas e perpetuar uma imagem positiva do regime militar.

Com o interesse de que a televisão promovesse a unidade e integridade nacional, suplantando diferenças regionais, o governo militar investiu em tecnologia de transmissão de imagens via satélite (Embratel) e microondas para interligar o país. Uma



das mais beneficiadas foi a Rede Globo, e seu noticiário, o Jornal Nacional. O telejornal da Rede Globo foi o primeiro programa a ser transmitido em rede no país e estreou em 1º de setembro de 1969.

Para Iluska Coutinho, as notícias veiculadas pelo Jornal Nacional funcionaram como instrumento para a difusão de informações e idéias que tornassem possível em um país com dimensões continentais, como o Brasil, a modernização e efetiva preservação dos interesses nacionais, segundo o modelo de então (2003, p.68). Isso resultou em relações de proximidade da Rede Globo de Televisão com o regime militar.

A TV, tal como o rádio décadas antes, passou a se tornar um espaço público, nacional, construindo por meio de seu laço social (Wolton, 1996) o sentimento de nação. Públicos de diferentes regiões do país passaram a ter em comum, por meio das notícias, o mesmo cotidiano. Neste sentido, o Jornal Nacional contribuiu para a criação de um imaginário nacional.

O Jornal Nacional foi o primeiro veículo a consolidar um formato fixo de agilidade e rapidez nas notícias. O fato de ser o primeiro telejornal a usar a tecnologia do videoteipe, ser transmitido em rede e entre duas telenovelas da Rede Globo, fez com que este alcançasse a liderança de audiência e se tornasse referência para outros noticiários do país. Os telejornais passaram a atrair cada vez mais anunciantes, fazendo com que o horário do intervalo comercial do Jornal Nacional fosse o mais caro da televisão brasileira. Outro fato que comprova o sucesso dos noticiários televisivos é o espaço que este gênero passou a ocupar na TV: em 1970 os telejornais ocupavam apenas 4,2% da programação, em 1995 o noticiário já representava 18,58% do tempo de veiculação da TV (COUTINHO, 2003, p.67).

Assim, o telejornal passou a ser um meio de representação importante para a população brasileira. Vizeu & Correia (2006) acreditam que para os brasileiros o telejornalismo ocupa um lugar de referência semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. O noticiário no Brasil, ao longo dos anos, passou a ocupar este papel relevante no cotidiano e na constituição da identidade da nação.

Após a reflexão sobre o papel da TV no Brasil, a atenção deste estudo se volta para a atribuição da televisão e do telejornal local na cidade de Juiz de Fora. O objetivo é identificar qual foi o percurso que este veículo constituiu para se tornar um espaço importante no interior do país.

Pioneirismo do telejornal no interior do país



A cidade de Juiz de Fora passa a ter uma relação com a televisão antes mesmo da inauguração da primeira emissora no país em 1950. De acordo com João Lorêdo (2000, p.11) e Frederico Belcavello (2007, p.8), a primeira experiência de transmissão de imagens na cidade aconteceu em 29 de setembro de 1948. O técnico Olavo Bastos colocou no Parque Halfeld, centro da cidade, equipamentos montados por ele para veicular as imagens do jogo de futebol que acontecia entre o Tupi, time da cidade, e o Bangu, do Rio de Janeiro

No entanto, foi no final dos anos cinquenta que os juizforanos passaram a receber os primeiros sinais de televisão em casa. Na cidade, era possível assistir a três canais de TV do Rio de Janeiro: a TV Tupi, a TV Rio e a TV Continental. De acordo com Flávio Lins (LINS, 2006, p. 31), somente as duas primeiras emissoras tinham autorização do governo para retransmitir o sinal, mas o Canal Continental chegava às casas dos juizforanos por meio de um pequeno transmissor improvisado pelo comerciante Celso Borelli Moreira. A programação destes canais era transmitida ao vivo, uma vez que o videoteipe só foi introduzido na TV brasileira em meados dos anos sessenta.

Para Lins (2006, p.31), as transmissões dos canais cariocas na cidade contribuíram para reforçar uma proximidade do município com o estado fluminense. Os chamados “cariocas do brejo”, termo pejorativo que faz referência à identificação dos juizforanos com o Rio de Janeiro, passaram a consumir representações de uma sociedade carioca.

...a população local contava com três emissoras cariocas para assistir, o que mantinha os *cariocas- do- brejo* ainda com a sensação de fazerem parte do Rio de Janeiro. A cidade Maravilhosa, que mesmo deixando nos anos 60 de ser a capital da república, através dos artistas, programas de rádio e de tv, permanecia fornecendo elementos para a construção do imaginário popular. (LINS, 2006, p.31)

Este consumo de representações do Rio de Janeiro, além de uma questão histórica, uma vez que a cidade de Juiz de Fora desde seu início exerce uma relação mais estreita com o estado fluminense e de distanciamento em relação a outras cidades mineiras, pode ser explicada também pela proximidade geográfica. Era mais fácil transmitir imagens do Rio de Janeiro (que está a 179 km de Juiz de Fora), do que veicular imagens da TV Itacolomi⁵ (com sede em Belo Horizonte, a 260 km da cidade).

⁵ A TV Itacolomi, Canal 4, foi fundada em 1955. A emissora fazia parte do grupo dos Diários Associados e foi a primeira do Estado de Minas Gerais. A TV se destacou pelo seu pioneirismo nas áreas artística, técnica e cultural. A emissora foi fechada em julho de 1980. (MATTOS, 2000, p.174)



A tentativa de estabelecer o primeiro canal de televisão em Juiz de Fora data de 1956. De acordo com a edição do Diário da Tarde de 16 de abril de 1964, os Diários Associados em 22 de Dezembro de 1956 entraram com recurso na tentativa de conseguir concessão para uma emissora de TV na cidade, denominada Mariano Procópio.

O Diários Associados em Juiz de Fora possuía dois jornais, o “Diário Mercantil” (DM) e “Diário da Tarde” (DT), e uma estação de rádio, a “Rádio Sociedade – PRB3”, e queria estabelecer um canal de televisão para os juizforanos.

O interesse dos Diários Associados na cidade pode ser justificado pelo fato desta ter um histórico marcado pela presença da imprensa. No final do século XIX e início do século XX, por causa da produção cafeeira na região, o município passou a atrair muitos investimentos. Junto com o capital surgem as primeiras fábricas e os primeiros jornais na cidade. O primeiro periódico foi *O Constituinte*, lançado em 1870; logo no ano seguinte teve a primeira edição de *O Pharol*, jornal que foi impresso até os anos trinta, e teve seu destaque por registrar o desenvolvimento da cidade no final do século XIX. Muitas outras publicações circularam em Juiz de Fora nesta época, como *O Imparcial*, *Echo do Povo* (de 1882), *O Democrático*, *A Regeneração*, *Minas Livre*, *Commercial*, *O Progresso* entre outros⁶. De modo que, na época do lançamento do “Diário Mercantil”, a imprensa já tinha sua relevância na cidade.

A primeira edição do Diário Mercantil data de 23 de janeiro de 1912. Os fundadores do periódico foram Antônio Carlos de Andrada e João Penido Filho. O DM era um característico jornal político, órgão oficial do Partido Republicano Mineiro. Em 1932, o jornal foi incorporado ao grupo dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. A associação ao Diários Associados tinha como objetivo vencer a concorrência na cidade e fazer o jornalismo local reconhecido no país (SILVA, 1993).

O DM se destacou em Juiz de Fora na década de trinta quando passou a organizar eventos na cidade. O jornal pode ser considerado uma fonte histórica da trajetória do município, pois ao circular até o ano de 1983, este registrou os principais acontecimentos e mudanças que ocorreram na cidade. Depois de conquistar a elite juizforana por meio do DM, os Diários Associados decidiram atrair o público de toda a cidade por meio do veículo mais popular da época, o rádio. A rádio Sociedade – PRB-3,

⁶ Para mais informações sobre os primeiros anos da imprensa em Juiz de Fora ver Musse (2006, p.75-84).



pertencente ao grupo de Chateaubriand, conseguiu concessão para emissão de programas na cidade em 1937, foi a primeira rádio de Minas Gerais.

O terceiro investimento dos Diários Associados em Juiz de Fora foi o periódico *Diário da Tarde* (DT), lançado em 1941. O DT era uma versão vespertina do Diário Mercantil, voltado para um público mais popular. O jornal circulava seis dias por semana, com a exceção das segundas-feiras, e privilegiava a cobertura de esporte e polícia. A venda do periódico era realizada especialmente por pequenos jornaleiros, que anunciavam o DT no centro da cidade e nas portas das fábricas (MUSSE, 2006).

Desta forma, os Diários Associados ao possuírem dois jornais e uma rádio em Juiz de Fora, dominavam os meios de comunicação de destaque da época. Assim, não é de surpreender o interesse do grupo em instalar na cidade o que seria a primeira emissora de televisão do município, a TV Mariano Procópio. A estruturação desse conglomerado de comunicação era uma marca dos Associados de Chateaubriand que chegou a possuir em quase todos os estados do país diversos periódicos, emissoras de rádio e televisão.

A TV Mariano Procópio foi uma iniciativa do diretor dos Diários Associados em Juiz de Fora, Renato Dias Filho. De acordo com o jornalista Wilson Cid, que trabalhou na TV Mariano Procópio e no Diário Mercantil, Dias Filho queria conseguir a concessão de um canal de televisão definitivo para a cidade. O objetivo era criar uma estrutura de comunicação mais ampla, atingindo todas as mídias da época, completada com a televisão. A emissora pretendia para isso aproveitar-se do prestígio que a rede de Chateaubriand tinha em todo o país.

Em 1959 os jornais já anunciavam a instalação da torre de transmissão da TV Mariano Procópio. A emissora foi constituída como Sociedade Anônima em 07 de abril de 1960 e funcionou em caráter experimental nos primeiros anos da década de sessenta, antes mesmo de sair o resultado do pedido de concessão. No entanto, depois de algumas transmissões esporádicas, a TV foi inaugurada oficialmente com programação local no dia 10 de outubro de 1961. A inauguração só foi possível devido a uma parceria dos Diários Associados de Juiz de Fora com a TV Itacolomi. O canal de Belo Horizonte levou para Juiz de Fora o carro de reportagem e todo o equipamento necessário para a transmissão local.

O programa de inauguração foi denominado de “Boa Vizinhança”, fazendo retratação à gentileza da equipe da de Belo Horizonte que tornou possível a transmissão direto de Juiz de Fora. De acordo com o DM, a cidade se tornou a capital da televisão



no dia 10 de outubro de 1961. O “Boa Vizinhança” começou às 9h50 com o programa de Ismair Zaghetto, jornalista do DM e do DT, sobre Sindicato dos Empregados e seus problemas. Ao longo do dia, diversas autoridades transmitiram suas mensagens pela televisão e a programação terminou com a cobertura do grande baile e show no Clube de Juiz de Fora, preparado para celebrar a inauguração da TV.

Por meio da TV Mariano Procópio, em meio às transmissões da Tupi do Rio de Janeiro e da TV Itacolomi, o público de Juiz de Fora podia assistir a propagandas, programa esportivo e cobertura de eventos da cidade. De acordo com Jorge Couri, cinegrafista da TV e repórter fotográfico do DM, estas programações com produção da cidade continuaram a ser esporádicas. Ele recorda de uma cobertura que a TV Mariano Procópio fez de carnaval: “A gente fazia umas filmagens esporádicas, teve um ano que fizemos a cobertura do carnaval, deu uma mão-de-obra danada, e tinha algumas firmas que patrocinavam, por exemplo, a RS Móveis”.

Uma das dificuldades em se produzir programas na TV Mariano Procópio era a localização da emissora. Situada onde ficava a torre da televisão, no Morro Arado, atual alto do São Benedito, o local era de difícil acesso. Wilson Cid relembra que para fazer uma entrevista esporádica era uma “aventura”, o morro é íngreme e era preciso subir de jipe.

De acordo com Ismair Zaghetto, a TV Mariano se aproveitava da estrutura da rádio Sociedade e do DM. Para o programa esportivo “TV Columbia nos Esportes”, veiculado em agosto de 1963, a emissora se utilizava das matérias do jornal e veiculadas na rádio para ler no programa. O que o canal anunciava como script de Mário Heleno, Arides Braga, J. A. de Hollanda e Ismair Zaghetto, de acordo com este último, eram na verdade matérias produzidas pelos outros meios, e reutilizadas pela TV.

A primeira experiência de jornalismo na TV juizforana aconteceu antes mesmo da emissora ser inaugurada oficialmente. O Diário Mercantil de 05 de outubro de 1961, cinco dias antes da programação de abertura oficial da emissora, anunciava o “Telefoto Jornal na grade de programação da TV (DM, 1961. p. 8).

O “Telefoto Jornal” era projetado para a população juizforana às 20h15, depois da exibição do telejornal “Repórter Esso”. O programa tinha duração em torno de 5 minutos que trazia de acordo com o slogan “uma síntese fotográfica dos acontecimentos da cidade” (Diário Mercantil, 1964). Este era feito inteiramente a partir de slides. O material era fotografado por Jorge Couri, a narração das matérias, que eram em torno de



duas a três por dia, era de Rubens Furtado. Este contava também com publicidade, cuja narração era do radialista Geraldo Basdon (LINS, 2009).

De acordo com Jorge Couri, este Telefoto Jornal durou cerca de três anos e entrou na rotina dos juizforanos, que se aglomeravam em bares da cidade para assistir o jornal na telelinha. (LINS, 2009).

Além do Telefoto Jornal, os juizforanos podiam assistir programas jornalísticos em eventos especiais. Como foi o caso da cobertura da vinda do presidente João Goulart à cidade em 31 de maio de 1963. A população do município pode acompanhar ao vivo direto da telinha as solenidades de homenagem ao presidente.

Depois de ter colocado no ar programas esporádicos, os Diários Associados deram um passo importante para conseguir a concessão da TV Mariano Procópio, quando teve um despacho favorável do então presidente do Conselho de Ministros, em junho de 1962. Mas o grupo de Chateaubriand teve de disputar o Canal 10 com os proprietários da rádio Industrial, conforme uma matéria veiculada no Diário da Tarde de 16 de abril de 1964.

O grupo da rádio Industrial recorreu da decisão do Conselho de Ministros e conseguiu dois meses depois reverter a situação ao obter um parecer favorável. Assim, desde março de 1963, os Diários Associados lutavam para conseguir a autorização sobre a veiculação da TV Mariano Procópio na cidade. No entanto, quem ficou com a concessão foi o proprietário da rádio Industrial, Sérgio Mendes.

Assim, nos televisores da cidade, a TV Mariano Procópio deu lugar à programação da TV Industrial – Canal 10. De acordo com Cid, os Diários Associados perderam a concessão por fazer forte oposição ao governo da época, cujo presidente era João Goulart.

Paulo Emerich relembra que ao sair da TV Brasília foi convidado por Dias Filho para assumir a TV Mariano Procópio, pois o diretor dos Associados na cidade dava como certa a concessão. Mas no mesmo mês em que chegou para assumir a administração da TV, a emissora teve de interromper as atividades. Emerich afirma que Santiago Dantas, ministro da época, era amigo de Sérgio Mendes, e tinha influência no Ministério, de modo que conseguiu a autorização para o funcionamento da TV Industrial.

Com a estréia da TV Industrial, em 24 de julho de 1964, o projeto da TV Mariano Procópio foi considerado inviabilizado e os Associados converteram os títulos patrimoniais da TV em ações da rádio Sociedade e do Diário Mercantil. Wilson Cid



revela que os acionistas que não aceitaram receberam o dinheiro de volta. Mas não foi o fim da representação produzida pela equipe da TV Mariano Procópio.

A estrutura da emissora Mariano Procópio foi aproveitada para a produção de um telejornal diário. De acordo com Wilson Cid, em Juiz de Fora, passou a ser produzido um noticiário de cinco minutos que era veiculado na TV Tupi do Rio. As notícias eram produzidas na cidade e enviadas de ônibus para o Rio de Janeiro.

As matérias produzidas eram mais factuais, os scripts eram de Wilson Cid, e a filmagem de Jorge Couri. O telejornal era veiculado de segunda a sexta-feira. Os textos eram lidos por Íris Littieri e Talita na Tupi do Rio de Janeiro.

Jorge Couri relembra que esta experiência era feita de maneira quase artesanal. Era utilizada uma câmara de 16 mm, sem captura de som, para filmar, cronômetro para marcar o tempo e fotômetro para medir a luz. Após a filmagem, Couri afirma que o filme era colocado em tanques, um com revelador, outro com água e o outro com o fixador. Tudo preparado por ele. Os filmes eram secados com um ventilador, e o cinegrafista cortava-os manualmente de acordo com o tempo determinado por Wilson Cid para a matéria.

A gente lavava o filme outra vez, fixava uns grampos e tinha um ventilador para secar. A partir daí eu tinha que selecionar os filmes. A gente fazia uma média entre três a cinco reportagens. De acordo com o tempo da reportagem, eu tinha um aparelho para cortar o filme, eu cortava e media o tempo, eu fazia um cálculo de cabeça de acordo com o tamanho dos quadrinhos para adequar ao script que o Wilson Cid elaborava. Cada reportagem era de uns 20 ou 30 segundos. (COURI, 2007).

Em dias chuvosos ou em que ocorria algum imprevisto, eram usados slides para ilustrar o texto. Além das notícias eram preparados em Juiz de Fora slides publicitários. Couri afirma que o mais importante do telejornal era o fato de as pessoas da cidade começarem a acompanhar o noticiário. Wilson Cid também recorda, que com estas reportagens, a TV Mariano Procópio, agora como uma espécie de afiliada da Tupi, conseguia manter os principais acontecimentos da cidade em uma rede nacional. E o noticiário teve uma boa repercussão no município.

A audiência do jornal da Tupi era grande, e quando começou a veicular as matérias de Juiz de Fora, a audiência era total, porque o jornal era quase nacional, o que dava muito prestígio para a cidade. Para você ter uma idéia as lojas da Av. Rio Branco, da Halfeld e da Marechal que tinham televisão ficavam cheias de gente na hora do jornal. (CID, 2007).



De acordo com Cid, embora os scripts fossem elaborados por ele, estes seguiam um padrão inspirado no Jornal da Tupi.

Depois de um ano e meio de veiculação do telejornalismo juizforano na Tupi do Rio, a produção foi encerrada. Wilson Cid afirma que a decisão do canal carioca de parar com a veiculação do noticiário de Juiz de Fora foi motivada pela impossibilidade de a emissora explicar porque uma cidade do interior de Minas tinha esse destaque nacional. Desta forma, se encerra a experiência da TV Mariano Procópio na cidade de Juiz de Fora.

Considerações finais

A experiência da TV Mariano Próprio revela que o telejornalismo local desde o início de sua história não se distanciou do produzido em grandes centros. Assim como o primeiro telejornal do Brasil, Imagens do Dia, o Telefoto Jornal da TV Mariano fazia usos de fotografias para ilustrar os principais acontecimentos do dia.

Outra semelhança é o aproveitamento de profissionais do rádio e de outros veículos para trabalharem na TV. Toda a equipe que fez parte da Mariano Procópio foram improvisadas do rádio e do impresso para elaborar scripts, filmar e fazer locução na telinha. Assim, como o “Repórter Esso” foi baseado em um programa que já era sucesso no rádio (MATTOS, 2000), os scripts da TV Mariano Procópio, de acordo com Ismair Zaguetto, eram subtraídos de material produzido para Rádio Sociedade e para o Diário Mercantil.

O início da televisão em Juiz de Fora aconteceu no período que Mattos denomina de fase elitista, em que o aparelho de TV era privilégio dos mais abastados e que a produção televisiva era marcada pela falta de recursos e de pessoal e pelas improvisações. Todas essas características estiveram presentes na experiência juizforana.

O telejornalismo em Juiz de Fora iniciou-se com alguns minutos de noticiário local em meio a grade de programação da TV Tupi do Rio retransmitida via Mariano Procópio. Esta tendência está presente até hoje no telejornalismo da maioria das emissoras espalhadas pelo país. O noticiário com informações locais é reduzido a alguns minutos locais em meio a grade de programação das cabeças de rede.

A TV Mariano era pertencente ao maior conglomerado de comunicação do país da época, os Diários Associados. Esta política de comunicação funciona até hoje no Brasil. Por exemplo, a maior emissora de TV do país, a Rede Globo, além do canal de



TV, é proprietária de jornal, emissoras de rádio e portal na internet. O mesmo acontece com a emissora afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora, a TV Panorama, que além da TV, possui um jornal (*JF Hoje*), e é pertencente também à Rede Integração, com sede em Uberlândia, que além de rádios e jornais possui oito retransmissoras da Globo em Minas Gérias.

Iluska Coutinho em pesquisa sobre telejornalismo identificou que o noticiário local em Juiz de Fora segue o padrão do telejornalismo em rede, no qual a informação é estruturada como um drama cotidiano. O fato da estrutura da informação seguir o padrão nacional pode ser explicado também pela proximidade histórica do telejornalismo local ao nacional.

REFERÊNCIAS

BELCAVELLO, Frederico. Identidades e Representações na TV Local: o caso TV Visão. In: Intercom Sudeste, 2006. Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: 2006. (CD’Rom).

CID, Wilson. **Wilson Cid:** depoimento [jun. 2007]. Entrevistador: Livia Fernandes de Oliveira. Juiz de Fora, 2007. 1 fita cassete (60 min): mono.

COURI, Jorge. **Jorge Couri:** depoimento [jun. 2007]. Entrevistador: Livia Fernandes de Oliveira. Juiz de Fora, 2007. 1 fita cassete (60 min): mono.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro:** a estrutura narrativa das notícias em televisão. Tese de doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

EMERICH, Paulo. **Paulo Emerich:** depoimento [jun. 2007]. Entrevistador: Livia Fernandes de Oliveira. Juiz de Fora, 2007. 1 fita cassete (60 min): mono.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.

LINS, Flávio. **Identidade regional nas vinhetas dos telejornais:** uma análise da representação visual na TV Panorama. Juiz de Fora. Monografia de especialização em Globalização, Mídia e Cidadania. Faculdade de Comunicação. 2006 (Mimeo)

_____. **Telefoto Jornal: O elo perdido entre o cinejornal e o telejornalismo em Juiz de Fora.** In Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - Intercom Sudeste 2009. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. (CD’Rom).

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950 – 2000).** Salvador: PAS-Ianamá, 2000.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano:** exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.



VIZEU, Alfredo Eurico & CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: SBPJOR 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: 2006.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ed. Ática, 1996.